

IDENTIDADE REGIONAL E MEMÓRIA: a representação de Nordeste na página Suricate Seboso¹

Jéssica de S. CARNEIRO², João Victor M. SALES³, Maria Clara S. MONTEIRO⁴

Universidade Federal do Ceará

Resumo

Os sites de redes sociais têm se apresentado, cada vez mais, como palco para a construção de conhecimento em torno de fenômenos sociais emergentes, exclusivos destes ambientes virtuais. Este trabalho pretende traçar uma análise do processo de construção de identidade regional, nordestina, e sua relação com memória, a partir das práticas de comunicação mediadas pelas novas tecnologias. Como objeto de pesquisa, foi escolhida a página do Suricate Seboso, no Facebook, com vistas a melhor compreender as questões que permeiam este processo de resgate de uma identidade nordestina. Será feita uma análise qualitativa, por meio de entrevista, com o autor da página em questão a fim de estabelecer pontes entre sua memória e sua forma de representar a sua identidade, aqui rotulada "regional". Percebeu-se que o conteúdo humorístico regional opera como forma de proporcionar uma identificação por parte dos usuários, resgatar e reconstruir uma identidade nordestina.

Palavras-chave: Regionalismo; Suricate Seboso; Memória; Identidade; Narrativa.

Introdução

Os estudos em sites de redes sociais têm pautado, sobretudo, a temática da construção de identidade em rede, a qual tem processos e características específicos, muitas vezes divergentes, mas complementares em relação à identidade "real". As plataformas digitais têm se apresentado como palco para compreender como os

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Novos Meios e Novas Linguagens, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

² Bacharela em Comunicação Social (UFC), e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFC). Bolsista FUNCAP. Pesquisadora do projeto Práticas Discursivas, Biografias e Vulnerabilidades, vinculado ao LAPSUS-UFC. Email: jessicarneiro@gmail.com

³ Bacharel em Comunicação Social (UFC), e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFC). Pesquisador do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (Grim-UFC). email: jv.melo.sales@gmail.com

⁴ Bacharela e mestra em Comunicação Social (UFC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (Grim-UFC). email: mclarasm@gmail.com.

sujeitos inseridos neste ambiente (os usuários dos sites de redes sociais) se apropriam das ferramentas disponíveis nestes sites para comunicar quem são, o que pensam e com o que se identificam. Os internautas nordestinos usuários dos *sites* de redes sociais (sRSs), por sua vez, têm participado, nesta década de 2010, da disseminação de algumas páginas que apresentam conteúdos de caráter regionalista e têm alcançado milhões de fãs, sobretudo no estado do Ceará. Entre elas, a página *Suricate Seboso* é uma das mais populares, por somar mais de 1,7 milhões de fãs em menos de 2 anos de atividade. Esta pesquisa pretende investigar a relação entre memória e identidade regional, a partir da análise da entrevista coletiva realizada com o criador do *Suricate Seboso*. Portanto, este artigo tem por objetivo analisar, por meio da entrevista, como a memória expressa na fala do sujeito Diego Jovino proporciona a representação de uma identidade regional no conteúdo da página *Suricate Seboso*. Para isso, dividimos o trabalho em 4 seções: 1) Redes Sociais e o *Suricate Seboso*, que trará uma breve desdobramento sobre como a cultura digital possibilitou a disseminação e a adesão a este "orgulho nordestino" no contexto dos sites de redes sociais; 2) Identidade Regional, que traz em primeiro plano o conceito de indissociação de identidade pessoal e social, correlacionando-as à identidade regional característica no *Suricate Seboso*; 3) Memória, que trará à luz da teoria de Halbwachs (1990), o conceito de memória coletiva, intimamente ligada à construção da identidade, e como este processo se dá na página do *Suricate*; e por fim 4) Identidade, Memória e Narrativa articuladas na página em análise, em prol da exaltação de uma cultura nordestina, brindada pelos seus fãs e seguidores.

1. Redes sociais e o *Suricate Seboso*: o Nordeste e sua (ciber)cultura

Antes de discutirmos sobre as categorias de identidade e memória, é importante ressaltar o contexto em que ambas se relacionam, no caso da página *Suricate Seboso*. Esse contexto é marcado pelas especificidades das instâncias em que se dão constituições identitárias de forma privilegiada no ciberespaço: os sites de redes sociais (sRSs).

Os sRSs surgiram, segundo Recuero (2009), como uma maneira de substituir os “terceiros lugares”, ou seja, os espaços – públicos ou não – em que os indivíduos constroem laços sociais. Estes sRSs, segundo Recuero (2009), têm como premissa

básica: a) a construção de uma *persona* por meio de um site pessoal ou um perfil virtual; b) a interação com outros usuários a partir dos comentários; e por fim c) expor publicamente a rede social de cada “ator”.

Esses ambientes virtuais passaram a ser relevantes para as relações sociais porque sua apropriação se deu dentro de uma conjuntura de leis, ações sociais e pensamentos que se concretizaram na Internet, e que interferiram em diversas práticas sociais, e por isso ganhou o nome posteriormente de *cibercultura*:

[Ela] se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (LÉVY, 1999, p. 15).

A partir da possibilidade de criação de uma *persona* e de sua exposição pública, além da interação que permite o estabelecimento de comunidades virtuais, a Internet passa a ser compreendida então como um espaço performático em que múltiplas identidades – individuais e coletivas – são constituídas e negociadas. Tais identidades formam-se à medida em que são narradas (DAVIS, 2011), podendo ainda, em alguma medida, reforçar e conservar elementos culturais tradicionais, pré-existentes à *persona* que se constitui nas redes digitais.

Devido ao fato de as comunidades virtuais possibilitarem não apenas o surgimento de novas identidades, mas também a reconfiguração de identidades tradicionais, surgiram, na região Nordeste – em especial no Estado do Ceará –, novas formas de comunicação e de compreensão dos sujeitos a partir de uma regionalidade demarcada, que ganham corpo no ciberespaço.

Dentre essas novas formas de comunicação, escolhemos pesquisar sobre a página *Suricate Seboso*, que possui o maior alcance no Ceará em relação a páginas do mesmo gênero: cerca de 1,9 milhão fãs no *Facebook*⁵. Criada em 13 de dezembro de 2012, pelo jovem cearense Diego Jovino de Oliveira, a página pesquisada apresenta um tom humorístico e regionalista⁶, cujo objetivo é compartilhar trechos e recortes

⁵ Número atualizado em 23 de outubro de 2014. De acordo o criador da página, a maioria desses fãs é composta por residentes no Ceará, principalmente na capital.

⁶ Alguns elementos levam-nos a caracterizá-lo assim. O humor está presente por meio do uso de recursos, como ironia, estereótipos e hipérboles. Já o regionalismo está presente, por exemplo, nos textos, por meio de expressões próprias da oralidade regional, nas imagens, por meio de personagens e locais, e nos enredos.

culturais, mais especificamente nordestinos, que podem ser replicados e reapropriados pelos usuários numa rede social (DAWKINS *Apud* RECUERO, 2009).

As montagens do *Suricate Seboso* constituem-se, em geral, de tirinhas montadas com uma estética peculiar, que lembra técnicas de colagens amadoras e possuem alguns padrões visuais recorrentes. Em sua maior parte, elas narram cenas do cotidiano da região Nordeste, cujos personagens são representados por suricates, uma espécie de mamífero africano⁷. Uma única publicação já chegou a ter mais de 50 mil compartilhamentos. Além das possibilidades de interação na página, os atores da rede podem se apropriar das imagens ao compartilhá-las, além de enviar sugestões para os enredos das tirinhas diretamente para Diego.

Com o auxílio das ferramentas propiciadas pelos sRSs, os usuários conquistam o poder de compartilhar, de expor, de opinar e principalmente de pulverizar mensagens assíncronas, mas que são apropriadas e reapropriadas num fluxo contínuo, ganhando novos contextos e moldando um movimento em prol de uma cultura nordestina. Este grande poder foi o que corroborou para que o conteúdo de caráter regional e humorístico chegasse a milhares de usuários que, ao se identificarem com a página, se apropriaram do que estava sendo compartilhado, significando e dando novos sentidos às postagens.

Parte-se, aqui, de uma perspectiva de que a internet se apresenta como um artefato cultural, em que a rede digital compõe um elemento da cultura, e não uma entidade à parte (FRAGOSO et al, 2011), fazendo com que os fenômenos que aconteçam neste meio *offline* ou "real" influenciem no meio digital e que o caminho oposto também seja verdadeiro. Quando se entende que a internet como um todo se constitui de fato como um artefato cultural, e não uma cultura isolada em si, pode-se perceber que estas transformações dentro do universo digital andam de mãos dadas com outros processos de transformação que vivenciamos no mundo *offline*. No Ceará, especificamente na capital, nasceu o *Suricate Seboso*, um personagem carregado de humor e regionalismo que marcha em prol da cultura local e que brinda toda a excentricidade e singularidade do Nordeste.

⁷ De acordo com Jovino, a escolha pela utilização de suricates se deu principalmente pela variedade de imagens do animal disponíveis na Internet.

Pensando em uma narrativa intimamente ligada à identidade construída *on* e *offline*, o *Suricate Seboso* recria e faz emergir o repertório cultural próprio do "ser nordestino" e de suas implicações a partir do momento em que conta histórias de vida, causos com os quais os *atores* da rede se identificam. As curtas histórias que são contadas na página remetem a experiências e a fragmentos da memória de personagens tipicamente nordestinos. A vida ali contada - ou narrada biograficamente - não é obrigatoriamente uma vida tal qual foi vivida, mas da forma que é lembrada, e como ela é lembrada para ser contada (ARFUCH, 2010). Esta vida, repleta de tradições e de rituais próprios de uma região, que não ocorre a apenas um indivíduo, senão a boa parte deles, desperta lembranças de uma memória coletiva socialmente construída, permeada por um repertório cultural inerentemente nordestino, que evoca saudosamente a este Nordeste.

É neste lugar traspassado de história, sofrimento e tradições, enraizado às relações de cultura e afeto, que se desenrolará a trajetória de *Suricate Seboso*, a qual se tentará desdobrar logo à frente.

2. Identidade regional: o pessoal e o social no *Suricate Seboso*

Muitas pesquisas ascendidas no campo das Ciências Humanas e Sociais que tomam como objeto de estudo a identidade buscam psicologizá-la e essencializá-la, no sentido de atribuir os processos que a constituem como sendo particulares ao indivíduo, tão somente. Todavia, a abordagem adotada aqui trará a identidade pessoal como fortemente imbricada à identidade social, de que maneira que não se possa pensar uma sem a outra (LIMA, 2012). Além desta concepção de uma identidade mais social, entende-se, neste trabalho, que a forma de compreender e descrever os processos que perpassam o que entendemos por *identidade* se dá através da narrativa de vida.

Esta identidade narrativa, por sua vez, conforme aponta Arfuch (2010), pode designar tanto um indivíduo quanto uma comunidade, um ponto de articulação. A história do sujeito, de acordo com que é narrada, dá sua condição de existência. A narração autobiográfica permite que se localize, dentro do tempo de narração, quais outras *vozes* constituem o "eu" enquanto sujeito. Cabe aqui, portanto, a concepção

polifônica e dialógica da identidade (ARFUCH, 2010), que considera a multiplicidade da voz narrativa ao abordar a questão da identidade, ou seja, a história de vida de vários sujeitos ajudando a construir a própria história de vida. A narração da história de vida, que traz por sua vez o valor biográfico, opera como um ordenador da vida no relato e da "própria" vida do narrador.

A *identidade*, aqui entendida como dialógica e polifônica, ao mesmo tempo pessoal e social, também pode ser encontrada nos estudos de identidades regionais. Nos debates em torno destas identidades regionais, ganha destaque um aspecto importante para compreender nosso objeto de estudo: o fato de que a constituição de uma identidade territorialmente localizada se dá em meio a um contexto de globalização. Afinal, a página *Suricate Seboso* manifesta uma rede social em torno de uma localidade geográfica específica, por meio de um processo de identificação que acontece em uma plataforma própria do contexto globalizado: o sRS *Facebook*. Isso significa que, no conteúdo, entram em tensionamento as diversas representações de elementos culturais locais e globais.

Nos estudos dessa relação entre local e global, é importante analisar ambas as categorias de forma dialógica, e não como se fossem simplesmente polos opostos em conflito:

Muitos autores vêem, de forma simplista, o global associado com processos de totalização, de generalização/universalização, e o local com processos de fragmentação, de particularização/singularização, como se o global fosse o locus da homogeneização e o local o da heterogeneização. [...] A luta entre uma face homogeneizadora e uma face heterogeneizadora demonstra que processos globais “implantam-se” no local, adaptando-se a ele, ao mesmo tempo em que o local pode globalizar-se na medida em que expande pelo mundo determinadas características locais (HAESBAERT, 1999, p. 25).

Optou-se, portanto, por abordar os processos globalizadores não como meras homogeneizações culturais, mas como reordenamentos de diferenças (CANCLINI, 1999), o que implica que se adote uma concepção de identidade como uma construção dada na relação social, e não como uma essência pré-existente a um indivíduo ou grupo social. Por isso, Oliven (1992), ao conceituar identidade, destaca que as diferenças reais ou mesmo inventadas servem para formular essa construção social, ao mesmo tempo em que operam como sinais que conferem uma marca de distinção.

A identidade regional, por sua vez, é construída para escamotear as diferenças sociais, econômicas e culturais internas à população de uma determinada região geográfica, pressupondo-a como internamente homogênea. Ao mesmo tempo, o regionalismo opõe uma região à outra, apontando para as diferenças existentes entre elas, que são utilizadas também na construção das identidades (OLIVEN, 1992).

O contexto da globalização trouxe ainda à tona questionamentos sobre a pluralidade de identidades assumidas pelos indivíduos. Daí nossa preferência pela utilização do termo no plural. Afinal, se antes elas eram pensadas dentro de núcleos coerentes, devem passar a ser analisadas hoje a partir de processos pluralizantes de deslocamentos:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo completamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2005, p. 13).

Por isso, para Hall (2005), em vez de destruir identidades locais, seria mais provável que a globalização produzisse simultaneamente novas identificações tanto globais quanto locais, ratificando algumas proposições apresentadas acima.

Mas, diferentemente do que alguns autores apontam como movimentos “fundamentalistas” de afirmação identitária em meio à globalização, que promovem tradições locais por meio de práticas de xenofobia, identificamos as tirinhas do *Suricate Seboso* com temáticas regionais mais próximas da realização de uma proposta de Canclini (1999): embora não chegue a citar nenhum exemplo de ações que tenham aplicado na prática o que propõe, o autor defende que a promoção das tradições locais só adquire sentido e eficácia sem resistências à modernidade, de forma que vincule a cultura regional às condições de internacionalização. Desse modo, o que pode favorecer a constituição de uma identidade regional na página *Suricate Seboso* é o fato de seu conteúdo não apresentar uma contraposição às condições modernas de globalização, mas de dialogar com elas.

Por isso, entre as estratégias metodológicas aqui adotadas, deu-se destaque à análise de categorias como *identidade* e *memória*, narrados por Diego durante uma entrevista, a fim de identificar como estes dois elementos se relacionam. Antes, porém, de analisarmos diretamente as falas do entrevistado, traçamos uma breve

discussão sobre a categoria da *memória*, central no processo de identificação em torno do conteúdo do *Suricate Seboso*.

3. Memórias de um nordestino e sua (cor)relação com a identidade

Além das condições que propiciaram a constituição da identidade regional identificada no conteúdo e compartilhada pelo público, para a análise do caso da página *Suricate Seboso*, a partir das falas de Diego Jovino, observamos que esse processo se dá de forma privilegiada a partir da memória do criador. Segundo ele, diversos elementos representados nas narrativas das tirinhas constituem em lembranças tanto dele quanto dos internautas, que muitas vezes enviam-lhe sugestões, e passam assim a serem identificados pelo público em geral como pertencentes a uma cultura geograficamente localizada: a nordestina.

No entanto, para compreender melhor a relação entre memória e identidade regional, foi-se preciso adotar uma abordagem que tratasse também aquela categoria de forma coletiva e não apenas individual. Afinal, embora o conteúdo das tirinhas seja constituído sobretudo de lembranças específicas do criador ou dos internautas que enviam sugestões, o grande alcance de público observado na página mostra que essas lembranças têm uma relação com a coletividade, delimitada principalmente em torno de uma localidade geográfica.

Halbwachs (1990) trabalha com o termo *memória coletiva* para compreender a lembrança de um indivíduo a partir das relações entre a pessoa e o meio onde ela se encontra. A memória coletiva – também chamada de popular – permite compreender o social pelas pistas que ela dá sobre valores e sistemas de pensamento (LOZANO *apud* GRISA, 2003). Nesse sentido, essa memória, que também é cultural, articula acontecimentos dos grupos sociais para dar continuidade ao processo de construção da identidade coletiva (MARTÍN-BARBERO, 2001).

Tanto Diego Jovino quanto grande parte dos internautas que seguem a página parecem pertencer à categoria de “nordestinos” e/ou “cearenses”, categorias sociais definidas culturalmente a partir de identidades territorialmente definidas. Esse fato é importante quando compreendemos que a memória coletiva está ligada tanto à memória de um sujeito como também à história e à tradição de uma sociedade, demarcadas geográfica e temporalmente. Ou seja, a memória individual não está

inteiramente fechada e não é constituída somente pelo sujeito, mas pelas suas relações com os outros ao longo da vida. Ela é constituída também a partir das experiências e lembranças invocadas pelo grupo social a que pertence. A memória coletiva desempenha prioritariamente uma função de coesão social por meio de uma adesão afetiva do indivíduo ao grupo, e não como uma forma de imposição, dominação ou coerção (HALBWACHS, 1990). Diferente de práticas fundamentalistas de afirmação identitária, a página *Suricate Seboso* parece promover assim uma adesão afetiva a esses grupos sociais.

As lembranças coletivas, segundo Halbwachs (1990, p. 62), “viriam a aplicar-se sobre as lembranças individuais, e nos dariam assim sobre elas uma tomada mais cômoda e mais segura”. Porém, não se pode dizer que aquelas se sobrepõem a estas mas que ambas se entrelaçam e dão pistas sobre o coletivo.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Do mesmo modo que não se pode separar a memória do contexto social do sujeito durante sua vida, também não é possível separar o passado do presente nas lembranças, pois a memória apresenta diferentes releituras com recortes do que passou, de acordo com o momento presente. Por isso, o passado é um elemento de destaque na compreensão de algumas definições de memória, inclusive com ênfases mais individualistas. Le Goff (2003), por exemplo, define-a como uma propriedade de guardar informações ou impressões que o próprio homem considera como passadas. Já Bergson (2006) complementa esta noção com a postulação de que existem duas memórias distintas: uma atrelada ao organismo que faz réplicas do que se apreende, formada por hábitos, experiências passadas que fazem o sujeito se adaptar ao presente; a outra seria a memória pura, que retém e alinha cronologicamente os acontecimentos de um sujeito, prendendo-os no passado.

Na sociedade atual, de acordo com Halbwachs (1990), encontram-se as pistas para a reconstrução desse passado individual e coletivo, como em imagens e conversas. Por isso, na seção seguinte, buscamos analisar essas “pistas” na entrevista de Diego Jovino, ou seja, os elementos que se referem a lembranças do passado – e, portanto à categoria da memória, tanto individual quanto coletiva, – e que possibilitam

uma melhor compreensão do processo de constituição (e construção) desta identidade regional que liga a página *Suricate Seboso* a seus fãs.

4. Diego Jovino e Suricate Seboso: identidade, memória e narrativa

A entrevista realizada com o criador e dono da página, Diego Jovino de Oliveira, foi concedida à equipe do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (Grim), da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 12 de setembro de 2013, em Fortaleza. Teve como objetivo identificar a relação entre a memória individual do autor e a identidade regional representada na página e compartilhada por um público significativamente amplo.

A realização da entrevista na universidade foi organizada de forma integrada a outras pesquisas executadas atualmente pelo Grim em torno da temática do uso da internet por crianças e adolescentes, e também da própria página *Suricate Seboso*. A entrevista caracterizou-se como semi-estruturada, com um roteiro elaborado pelos participantes do Grim, e foi aberta a questionamentos e intervenções das pessoas presentes.

Bom, tem algumas postagens que são muito parecidas, que faz parte da realidade do paraibano, faz parte da realidade do cearense o que pode diferenciar é mais o jeito dele escrever a linguagem, “visse”, “mainha”, eu boto mãe, a mãe escrito “manheeee”, ele bota “mainha”, ei “mainha”. É a questão da linguagem é diferente, é mais assim tipo acho que o suricate eu apelei muito pra coisas de brincadeiras de infância, não só pra questão de mãe e filho, brincadeiras de infância, brincadeiras da escola, merenda da escola, dentro de ônibus. (DE OLIVEIRA, 2013)

O autor da página a todo momento recorre a memórias da infância pra descrever aspectos de sua identidade. A construção da narrativa tecida dentro da página do Suricate, além de remontar aspectos privados da vida de Diego, evoca o tempo inteiro memórias coletivas que, mesmo sendo-lhes alheias, o fazia se apropriar e tomar como parte constitutiva de uma vida, de sua identidade. A narração se faz, portanto, não apenas parte constituinte, mas condição de existência daquele sujeito que se narra, que se produz a partir de suas memórias, ajudando-o a se construir enquanto tal e moldando sua subjetividade. Suas experiências, conforme são organizadas em discurso, por meio de sua narrativa de vida, faz com que ele se

coloque no mundo como alguém que se (auto)intitula "nordestino", que identifica suas origens, o lugar a que pertence e com o qual se relaciona.

Ao ser questionado sobre a linguagem bastante peculiar usada na página do *Suricate Seboso*, Diego Jovino de Oliveira conta que o intuito sempre foi mais na direção de afirmar aquela cultura ali disseminada, do que de estereotipar o "nordestino". As experiências e causos narradas na página - em forma de tirinhas - pertencem muito mais a uma memória que parece ser privada, da relação entre mãe e filho, entre professor e aluno. Utilizar a narrativa da história de vida, das experiências que parecem estar circunscritas dentro do campo privado do sujeito, foi uma opção metodológica que pretende abandonar os moldes tradicionais de estudar identidade (LIMA, 2012b) no intuito de demonstrar como singular pode representar o todo.

(...) eu sempre fui uma pessoa que convivi no meio do povo, escola pública, brincar no meio da rua; se as coisas não aconteceram comigo - algumas coisas -, eu as via acontecer com outras: eu via a vizinha gritando com o filho, chamando no meio da rua com o cipó na mão. Então a gente presencia dentro do ônibus alguém falando alguma coisa. Ou até o próprio humor cearense, os humoristas contando piada, eles usam uma palavra ou situações do dia a dia que às vezes me fazem lembrar outras coisas também, então eu faço tudo meio assim, tem coisas que eu nem lembro. A galera posta lá, aí eu "vixe!". Até mesmo minhas postagens, que tem coisas que a galera nem lembrava antes, comenta "vixe é mesmo!". A galera dá sugestão, é desse jeito pra mim. Eu vejo também e começo a rir sozinho. Ai eu vou lá e faço a imagem. (DE OLIVEIRA, 2013).

Através de sua memória, Diego pontua elementos que fazem parte desta cultura excêntrica, que é a nordestina, e a promove, trazendo em suas tirinhas temáticas como comidas predileta, lendas urbanas e disputa de gênero. Outro aspecto interessante da história de Diego de Oliveira e de sua relação com a página *Suricate Seboso* é perceber a apropriação de experiências de terceiros como experiências próprias, constituintes de sua história/trajetória pessoal. Neste trecho, ele fala de uma memória pessoal, particular, mas em vários momentos existe uma impessoalização (uso da segunda pessoa do plural, "nós", ou "a gente") das experiências narradas por Diego, impossibilitando-nos identificar se tal experiência, de fato, é sua ou de outros.

Pollak (1992) afirma que os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva são os acontecimentos vividos pelo sujeito e os "vividos por tabela". Estes últimos seriam acontecimentos vividos pelo grupo social a que o sujeito pertence, mas

de que ele não consegue saber se participou ou não, embora os retenha por sua importância para o imaginário social.

o tema da regionalidade mesmo [foi trazer] a questão da valorização: a pessoa começa a escrever muito, até no facebook, “armaria nam” e compartilha alguma coisa “armaria nam” e “urricupadi”. A pessoa bota alguma coisa e “ieeeii”, e eu acho que começou mais com a questão da discussão da regionalidade mesmo, e dizer que aquilo ali não tá errado, você só tem que saber o momento de usar aquilo, e não pode perder nossa cultura, não pode deixar nosso linguajar morrer por conta de gramática, alguma coisa assim, que tem que ser padrão (...) Eu acho que estar na internet, né, é uma situação diferente. Na internet eu costumava ver gírias paulistas, cariocas, “os mano pira”, “as minas pira”, num sei o quê e tal; aí quando você vê lá um suricate dizendo “ai dentu”, o que que você faz? Você se identifica, e antes não tinha isso na internet. Então na internet é assim: você compartilha aquilo que você se identifica naquele momento, que nesse caso do Suricate pode ficar pro resto da sua vida, se você continuar falando desse jeito e vivenciando essas coisas, então é bem por isso. É pra se identificar mesmo.
(DE OLIVEIRA, 2013).

A estratégia do humor, que usa este linguajar peculiarmente regional, gera não apenas identificação, mas laços de afetividade para com o personagem *Suricate Seboso*, uma vez que as histórias contadas na página não se restringem a descrever simplesmente o que são, onde vivem, como falam os nordestinos: elas remetem às memórias da infância, do ambiente familiar, o que traz uma mistura de nostalgia e saudosismo.

Esta talvez seja a característica mais peculiar da página, e seu verdadeiro motivo de sucesso: as memórias de uma infância que, à primeira vista, parecem ser da ordem particular; o linguajar característico do nordeste opera como um canal para comunicar e narrar estas memórias. Percebe-se então que estas três categorias (memória, identidade e narração) parecem trabalhar entrelaçadas, de forma a não se poder discorrer sobre uma sem trazer à luz as duas outras.

Estas foram umas das poucas inferências feitas sobre o *Suricate Seboso* na direção de uma exaltação pró-nordeste nos sRSs, da evocação de uma memória e da construção de uma identidade social e regional, que ainda se mostram experimentais e até insuficientes para dar conta deste fenômeno, mas que trilham caminho para novas pesquisas no campo da *cibercultura*.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad: Paloma Vidal. 370p. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. (Polito, Ronald; Alcides, Sérgio, tradução). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio da relação do corpo com o espírito**. (Neves, Paulo, tradução). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

DAVIS, Mark. **You have to come into the world’: Transition, Emotion and Being in Narratives of Life with the Internet**. Somatechnics 1.2 (253–271). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GRISA, Jairo. **Histórias de ouvinte: a audiência popular no rádio**. Itajaí: Univali, 2003.

HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. **Geographia**, Niterói, ano 1, n. 1, p. 15-39, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. (LEITÃO, Bernardo [et al], tradução). 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Trad.: Carlos Irineu da Costa.

LIMA, Aluisio Ferreira de. **Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LIMA, Aluisio Ferreira de. A identidade como problema de pesquisa. In: **Revista Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Vol 2. N. 2. p. 215-229. Rio de Janeiro, 2012.
Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/987/717>.
Acesso em 2 de mar. 2014.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. (Rocha, Dora, tradução). ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso em: 10 mar. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.